

Claudia Vóvio
Luanda Sito
Paula De Grande
(organizadoras)

LETRAMENTOS

RUPTURAS,
DESLOCAMENTOS E
REPERCUSSÕES DE
PESQUISAS EM
LINGUÍSTICA
APLICADA

MERCADO®
EM LETRAS



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLADO
75% PRÉ-CONSUMO, 25% PÓS-CONSUMO. A PARTIR
DE IMPRESSÕES SUSTENTÁVEIS.
CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E
NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

PAGANDO O ALUGUEL: PARTICULARIDADE E INOVAÇÃO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA LINGUAGEM¹

Charles Bazerman

Plágio, imitação e originalidade - tópicos antigos de discussão - ganharam novo relevo na era da Internet em relação a duas questões que evocam diferentes espectros de valores. Primeiramente, a internet forneceu novas ferramentas, novos receios e a urgência em relação às questões de fraude escolar - chamando atenção para os valores de responsabilidade de individual, integridade acadêmica e policiamento institucional. Em segundo lugar, a Internet aumentou a tensão entre propriedade intelectual e os bens culturais - questionando valores de remuneração econômica e propriedade versus valores de herança cultural, criatividade comunal e comentário crítico. A primeira questão opõe integridade e conveniência individual, o que é destrutivo para as instituições de ensino. A segunda trata a natureza da propriedade e como isso pode ser equilibrado em

Tradução de Paula Barakat De Grande e Mario Segall. Agradecemos a Claudia Vóvio e Ana Carolina pelas revisões e sugestões que muito contribuíram à versão final.

relação a outros valores sociais. As duas discussões são importantes, mas é difícil falar delas no mesmo espaço sem que diferentes preocupações entrem em conflito. Precisamos encontrar uma forma de falar sobre a especificidade dessas e de outras situações que coloque no centro da discussão as questões de plágio, imitação e originalidade. Precisamos de uma maneira de escolher os problemas que cada uma dessas situações nos coloca sem embaralhar uma questão na outra. Neste capítulo, proponho uma forma de ordenar essas e outras situações que testam as fronteiras da criatividade individual e coletiva.

As palavras que falamos e escrevemos surgem de e em relação a palavras de outros. Nosso uso de cada palavra alheia torna a linguagem possível. Essa compreensão dificulta a certeza dos julgamentos morais relacionados ao plágio. Usar as palavras dos outros não é um pecado, mas sem dúvida remonta à origem; é a semente do conhecimento humano e é o meio de nossa originalidade e diferenciação intelectual. Ainda assim, nós também sabemos que há criminosos, pessoas que abusam das palavras dos outros para interesses individuais próprios.

Os paradoxos da originalidade surgem porque nós usamos um estoque comum de palavras, *topoi*, figuras, organização e todos os outros recursos da linguagem para nos adequarmos ao momento e à situação. Como diz Bakhtin, nós povoamos a linguagem dos outros com nossas intenções (1982, p. 294). As palavras podem ser familiares, mas as intenções são nossas *naquela* momento e *naquela* situação. Além disso, em algumas situações espera-se que nossos enunciados tenham um toque de novidade ou uma propriedade situacional especial. Às vezes nós preenchemos melhor nossas intenções ao excedermos expectativas, mas em outras, ser muito inovador não funciona. Com esta aparência de novidade e de adequação, podemos ganhar os benefícios do reconhecimento, privilégio ou autoridade futura se nossas palavras obtiverem sucesso, mas se nossas palavras são consideradas insuficientes, nossas intenções e atos podem estar incompletos e sujeitos ao fracasso, deixando uma mancha em nossa reputação futura e autoridade. Então, se alugamos palavras,

devemos pagar o aluguel por meio de nosso próprio trabalho pessoal. Contudo, esse não é um tipo único de trabalho - diferentes gêneros, sistemas de atividades e situações pedem tipos diferentes de trabalho. Assim, embora isso possa não significar um pecado original, há muitos fracassos locais potenciais.

Antes de analisarmos esses momentos de fracasso ao realizar formas específicas de trabalho, permitam-me reenquadrar a problemática da originalidade. Toda criança nascida desde o surgimento da linguagem cresce em um complexo ambiente simbólico - construído e mantido por predecessores e contemporâneos. Sem a constante animação e reanimação desse ambiente simbólico e sem o aprendizado de cada criança para participar dele, esse ambiente entraria em um colapso de silêncio que separaria as pessoas. Nesse ambiente simbólico, as crianças se utilizam dos recursos linguísticos fornecidos pelos outros para participar verbalmente de relações e atividades comunicativas de seu ambiente. Elas aprendem a fazer o repetitivo, o esperado e o inesperado. Ademais, cada criança nascida hoje, em um contexto de 5000 anos de experiências letradas, 1000 anos de experiência de imprensa, 150 anos de experiência de comunicação eletrônica e uma década de experiência "world-wide-web" (www), vive em um mundo simbólico cada vez mais denso, em ressonância com mensagens muito antigas e distantes, bem como mensagens que envolvem o globo em um instante. Contudo, esse mundo simbólico inscrito deve ser constantemente animado no uso para ser mais que arranhões em barro ou elétrons entropicamente se afundando em desordem.

Esse ambiente é cada vez mais complexo, e as pessoas se encontram em posições novas com maior frequência em uma paisagem em proliferação. Mas esse mundo não é incipiente - ele é organizado por meio de sistemas de atividade e gêneros que medeiam interações e relações particulares, e que formam expectativas cronotópicas por informações, localização de espaços de conhecimento e desdobramentos de eventos simbólicos. Nesse ambiente simbólico, aprendemos por imitação e apro-

priação; contudo, sempre agimos do ponto de origem de nós mesmos e de nossas intenções para marcar nossa presença, interesses e ação - não importando o quão próximos, espertos, estratégicos, codificados, diferenciados, defensivos, reticentes, submergidos ou escondidos nos inscrevamos naquele ambiente. Mesmo quando apenas respondemos a um pedido por nossos nomes, nós respondemos da origem, apropriadamente. E quando resgatamos os eventos de nossas vidas ou o que testemunhamos, nós respondemos a partir de nossas origens com particularidade e novidade. Em cada caso, criamos uma presença única no mundo simbólico - tempo e espaço marcados com conteúdo local. Nossos comentários são ancorados a um momento único e dentro de um único co-texto e intertexto pelos aspectos linguísticos impregnantes da indexicalidade.

Todavia, não atribuímos originalidade a cada um de nossos atos. Em muitas situações, a atribuição de "originalidade" não é desejada ou prestigiada. Eu estudo *tai chi* e canto em um coral. Em ambos, indivíduos participantes do coletivo trabalham duro - física, técnica, cognitiva e emocionalmente - para habitar e reanimar uma prática profundamente familiar. Não queremos notas ou movimentos mal formados, mas sim um desempenho preenchido com intenção e significado que reabita e reanima a tradição da melhor forma que podemos compreendê-la - guiados pelo mestre local ou maestro em quem confiamos como aquele que tem uma conexão com a concepção original. Na mesma linha, algumas pessoas têm um talento para o cumprimento apaixonado de rituais fáticos da vida cotidiana, e algumas pessoas são escriturários inspirados. Na maior parte do aprendizado escolar, nós buscamos exatamente esse preenchimento significativo das fórmulas - pelo menos até que alguém atinja os níveis superiores de domínio do saber. Não é somente aritmética, cálculo, mecânica clássica ou mesmo economia que demandam desempenhos inspirados do familiar. Em estudos literários, a habilidade de sumarizar o conteúdo e articular uma apreciação significativa do trabalho criativo precede novas análises, e em história, ser capaz de recontar os

contos recebidos com entendimento e engajamento precede um novo trabalho de arquivo.

Somente algumas situações específicas parecem solicitar um trabalho novo, o qual ganharia a atribuição de originalidade e traria ao criador reconhecimento, crédito e recompensas específicos e apropriados. É inútil atender à expectativa situacional da originalidade que abriria espaço para uma atribuição de plágio, falta de talento ou outros fracassos. Algumas vezes, tomamos as leis que circunscrevem a propriedade intelectual como prototipicamente definidoras de originalidade, pois a lei de propriedade intelectual persevera na ideia de inovação. E a definição e a aplicação de originalidade são regularmente discutidas em tribunal. No entanto, direitos autorais e patentes também exibem a particularidade estranha do que consideramos originalidade. Primeiro, somente casos, de fato, economicamente consequentes são litigados ou litigáveis, e possuem, de certo modo, capacidade para determinar originalidade. Se não houver nenhum interesse financeiro significativo, o caso não será ouvido pelos tribunais e não haverá nenhum julgamento de originalidade. Além disso, o caso será provavelmente civil, não criminal, e penalidades serão provavelmente financeiras.

A patente ou direito autoral garante uma licença temporária de monopólio do benefício econômico para um tipo particular de trabalho novo a fim de encorajar a produção dessas novidades, as quais são consideradas benéficas à nação e ao público. A natureza de novidade tem sido contestada desde o início da lei de propriedade intelectual.² Na lei de patente, uma formulação geral é a de que a inovação não seria óbvia a alguém versado na prática; essa é uma avaliação cognitiva de uma audiência idealizada e não uma questão de elaboração verbal e formulação escrita. Originalidade na lei de direitos autorais, no entanto, é uma questão de copiar uma elaboração verbal e uma formulação escrita.

2. Assume-se nessa tradução tratar-se de lei federal e contexto estadunidenses, país onde reside e trabalha o autor (NT).

Portanto, do ponto de vista dos direitos autorais, é permitido usar as ideias dos outros contanto que essas ideias sejam reformuladas de maneira suficientemente distinta. Uma pessoa pode mesmo registrar direitos autorais da nova formulação de uma ideia emprestada.

Se você já escreveu livros didáticos, provavelmente se confrontou com as peculiaridades dos direitos autorais. Livros didáticos de um mesmo tema frequentemente compartilham um alto grau de similaridade em estrutura, tópicos, conteúdo e análises, em parte porque eles devem competir "cabeça a cabeça" para servir a cursos similarmente estruturados, e em parte porque há uma prática comum de se estudar o adversário comercial. Eu conheço alguns casos de litígio por plágio entre produtores de livros didáticos bastante similares, até mesmo em casos em que um livro principal é copiado amplamente em forma, conteúdo, ou abordagem. Por outro lado, departamentos legais de editoras vigiam como falcões qualquer material citado que você usa, embora esteja claro que a inclusão deste material não prejudicará o valor econômico da publicação original, mas provavelmente aumentará sua visibilidade e valor. Portanto, você não teme litígio dos competidores que você copia, mas de terceiros a quem você dá publicidade.

O mercado de livros didáticos revela também outra face da originalidade que tem pouco a ver com a lei de propriedade intelectual. Esses livros podem ser valorizados porque eles têm exatamente o que é esperado que tenham da maneira mais acessível, incorporando todas as inovações de todos os outros livros didáticos. Livros que são muito originais podem ser menos valorizados. Enquanto alguns livros podem apresentar alguma inovação pedagógica ou na apresentação - fatores altamente emulados e prestigiados -, pode haver livros que copiam a inovação, colocando-se de uma maneira mais convencional, que são avaliados como os melhores no mercado. No entanto, todos esses livros são igualmente protegidos pelos direitos autorais.

Em livros dirigidos para entretenimento, porém, há normalmente um desejo mais coerente por originalidade, porque somente a quantidade

certa de novidade do tipo certo chama nossa atenção. Por outro lado, muita novidade do tipo errado torna o trabalho irreconhecível, sem sentido, desinteressante e monótono. Nós sabemos disso a partir de experimentos cognitivos com crianças nos quais uma variação de ritmo ou padrão de luz pode ativar a atenção, e a repetição pode perdê-la; outros estímulos que não a atenção ou habilidade para interpretar, porém, passam despercebidos. Contudo, novamente, o tipo de trabalho em que a novidade consiste pode variar de livro para livro. Uma história de detetive pode ganhar ao ter novos personagens e novas localidades, mas deve ter sucesso no posicionamento e revelação de pistas intrigantes e não resolvidas. Em filmes de piratas da metade do século XX, um local principal para inovação e diversão está na ousadia engenhosa de balançar-se em mastros.

Para a literatura considerada mais séria, uma atribuição de derivação, embora não litigável, indica uma falha fundamental, mas em outros casos outras influências servem para marcar o gênero, identificar uma homenagem, fornecer um campo contra o qual novos significados e experiências são criados. Requerem-se análises detalhadas de cada caso para localizar a combinação de fontes e influências que subjazem o texto, que reformulam de maneira única em combinação e contexto local, e fornecem locais para ganhos específicos na criação. Quais dessas combinações e ganhos em qual contexto, baseando-se em quais recursos trazidos pelo escritor, permitem uma profundidade de expressão, observação, imaginação, estrutura ou pensamento para ser consideradas originais? Quais serão vistas como falsas, desfilando ineptamente em uma fantasia emprestada? É o trabalho da crítica literária analisar as virtudes, fontes e o trabalho inventivo de textos valorizados por sua singularidade. Os tropos³ e medidas de originalidade literária são um tanto distintos das dos tribunais de propriedade intelectual.

3. Com o sentido de emprego figurado de palavra ou locução, figura. (NT)

No jornalismo, a novidade não surge do frescor das palavras ou da estrutura, tão rotineiras a ponto de serem despejadas frente ao prazo final, mas nos acontecimentos reportados que devem ser coletados e transcritos através do testemunho em tempo real e da ida às fontes corretas. Falhas e falsidades aqui têm a ver com não estar no local certo, não ir à fonte correta, inventar material (sendo muito original!) não fundamentado em fatos coletados. No caso extremo, matérias primas para artigos devem ser originais todos os dias, mas os elementos são absolutamente repetitivos na forma e na fonte - os quais denotam sinais de autoridade e precisão.

Na ciência, plágio e fraude raramente têm um valor econômico imediato, mas roubam fama (o que poderia proporcionar recompensas secundárias de estabilidade, promoção e reputação) ou enganam colegas, levando-os a perda de tempo ao confiar em resultados não autenticados ou falsos. Nesse âmbito, o trabalho de originalidade depende da perspicácia intertextual e da prática material - tanto em trabalhos teóricos como empíricos. Todas essas formas de trabalho se baseiam no aprendizado a partir dos escritos dos colegas, os quais são, então, re-representados como parte da identificação da contribuição do indivíduo.

Nós poderíamos continuar esse exame em uma ou outra esfera em que o empréstimo visível da palavra ou a alegação de não autenticidade das palavras são considerados fracasso, e em cada caso veremos uma configuração um pouco diferente. A política institucional é particularmente interessante pelo fato de que os discursos políticos são altamente padronizados e familiares quanto ao conteúdo e à construção verbal, e os políticos são avaliados não tanto pela originalidade, mas pela liderança, probidade, representação dos valores e interesses de grupo - e outros fenômenos coletivos. Mas de vez em quando um político se vê em problemas por palavras emprestadas - embora não pelas compradas.

Contudo, para acadêmicos e educadores, o contexto mais importante para esclarecer e organizar, e atualmente o que mais se mostra ideologicamente com outros cenários, é a educação escolar. Nela, a

de novidade e trabalho adicionados que buscamos são bastante distintos daqueles que nos preocupam em outros domínios, e cometemos sérios erros pedagógicos por não reconhecer a particularidade de nossos interesses educacionais em trabalhos adicionados pelos estudantes. Nenhuma quantidade significativa de dinheiro está envolvida nessa questão, nem fama ou promoção, nem diversão, nem a produção de documentos novos que ampliam a experiência humana, nem mesmo a produção de notícias confiáveis. Estamos, na verdade, preocupados com o aprendizado e desenvolvimento do estudante, o que, acreditamos, exige dele a realização de certos tipos de trabalho enquanto produzem textos, pelo que, então, avaliamos seus feitos e aprendizado.

O aprendizado e desenvolvimento do estudante não são necessariamente congruentes com a originalidade. Há muitos momentos desde a escola primária até a graduação universitária em que é apropriado aos estudantes repetir as palavras de seus livros, aulas e discussões de sala de aula, mesmo sem atribuição. Muitas salas de aula vivem sob o guarda-chuva de uma única voz de autoridade incorporada em uma aliança entre livro didático e professor. Espera-se que os alunos repitam os mantras de seus livros de matemática, física, biologia e gramática nos momentos apropriados, e que apliquem procedimentos em problematizações que são tão familiarizados e previsíveis que aos professores são fornecidas soluções. Não há necessidade de citação, porque todo mundo sabe que o livro didático define o universo de discurso. Os estudantes que lembram a resposta do livro sem citá-lo são elogiados. Os que usam a intermediação de um colega na prova são punidos. Porém, uma sessão de estudo com o mesmo colega e o mesmo livro didático na noite anterior a prova ajudaria os dois a se saírem bem no exame.

Isso não significa que não há nenhum trabalho intelectual em aprender cálculo ou orações subordinadas ou análise química - mas o que o trabalho de que os estudantes necessitam para terem sucesso é guiado por uma voz de autoridade e por resultados conhecidos. Os estudantes devem pensar e trabalhar muito para conquistar o lugar

certo, mas esse lugar não vai apresentar surpresas para o instrutor mais experiente; caso contrário, o estudante pode ter ido para o lugar errado.

Até que os estudantes atinjam níveis mais avançados de escolarização, a originalidade, se desejada, é uma criatura doméstica especializada. Os produtos dos estudantes, se surpreendentes, são assim provavelmente devido ao que sabemos sobre o estudante, e não porque algum enunciado parecido tenha vindo da boca ou da caneta de um estudante ou professor. Quando a tarefa é resumir (e considerando que alguns resumos de estudantes podem ser surpreendentemente bons), a tarefa é de seleção, arranjo, coerência e transição - não de trazer à baila novas palavras. Espera-se que os estudantes usem algumas palavras do texto original - sem a necessidade de espalhar aspas para marcar citações ao longo do resumo. Apenas uma atribuição geral ao texto resumido já é suficiente. Quando múltiplas fontes são utilizadas, ou os estudantes são solicitados a fazer comentários a respeito dos textos, aí sim citações talvez precisem ser mais explícitas e a construção verbal dos textos-base talvez site ser marcada. Mesmo assim, as fontes compartilhadas que permanecem a sala de aula podem não precisar de citação específica nos ensaios resultantes. A necessidade de explicitação de citações aumenta quando estudantes fazem uso de textos além daqueles comuns à sala de aula. No caso em que materiais extras são bem-vindos ou mesmo esperados, pode ser que a simples procura e seleção de recursos apropriados configurem a quantidade de novidade intelectual apropriada à situação. Ou ainda tarefas complexas de análise, avaliação, síntese ou aplicação podem constituir o trabalho intelectual desejado.

Plágio, fracasso, sucesso ou sucesso excepcional, ou ainda *serões* trilhados são aspectos finamente calibrados por metas pedagógicas específicas. Enquanto pudermos articular o tipo específico de trabalho que se espera por parte dos estudantes, melhor poderemos dirigí-los, apoiá-los e avaliar seus produtos. Em alguns casos, o professor poderia pedir que os estudantes permanecessem dentro do espaço discursivo da sala de aula para encorajá-los a ser responsáveis por todo o discurso analítico, em

tivo e de discussão, por todo o apoio suplementar para a leitura requerida. Nesses casos, estudantes que buscam novas fontes (implícita ou explicitamente) de certo modo envenenam o campo incorrupto para a produção de seus enunciados originais - mesmo que esses enunciados "originais" sejam bastante prosaicos em qualquer mundo intelectual mais amplo.

Em diferentes matérias e diferentes tipos de investigação, é possível pedir aos estudantes para trazerem um material diferenciado e pensar algo novo em relação a ele. Para pensar sobre literatura desde a idade mais tenra, as crianças podem ser solicitadas a trazer experiências e observações pessoais mesmo que novas formulações sobre teoria crítica estejam muitos anos a frente. Em estudos sociais, as experiências e observações pessoais dos estudantes sobre o mundo ao redor deles entram e saem de foco em diferentes níveis, embora uma investigação social possa ter de esperar até a graduação ou mesmo a pós-graduação.

Nós queremos definir atividades e exercícios que permitam aos estudantes desenvolver, praticar e exibir formas específicas de trabalho intelectual. E também queremos dar a eles os meios para trabalhar as mesmas fontes de conhecimento disponíveis na biblioteca e na internet. Quando se seus trabalhos não criam distância e novidade suficientes em relação às fontes com as quais estão trabalhando, haverá fracasso - que pode ser interpretado como falta de habilidade ou como fraude em qualquer caso particular. Se há substituição de trabalho por outras pesquisas quaisquer - deliberadamente ou não - pelo trabalho que nós desejamos que os estudantes realizem, então eles estariam evitando o trabalho em que queremos que ele se engajassem. A tensão entre a utilização de recursos mais amplos e o aumento simultâneo de demandas pessoais por síntese, análise, avaliação e argumentação, cria desafios para a produção escrita do estudante. Se ele não consegue resolver essa tensão em seu nível de habilidade e dentro do tempo e energia que sente que pode dedicar a essa tarefa, talvez ele eleja um atalho. Alguns estudantes podem ser tão alienados, cínicos, ou autoindulgentes que fixam um nível muito baixo de esforço que estão dispostos a dedicar à tarefa; mas a

maioria dos estudantes que conheço quer aprender e fará o trabalho se conseguir encontrar um modo para fazê-lo legitimamente. A maioria dos atos de plágio consciente que eu presenciei são movimentos desesperados de última hora. Estabelecer as tarefas corretas, identificar dificuldades e fornecer orientação e apoio permite aos estudantes aprenderem a ser originais de acordo com as expectativas postas.

No final das contas, nós esperamos que os estudantes desenvolvam vozes independentes nos discursos públicos ou profissionais que se tornam relevantes para eles. Mas mesmo esse objetivo final não é unificado. Um funcionário público, um executivo, ou um advogado, cada um tem uma relação diferente com diferentes conjuntos de discurso recebidos e precisam transformá-los de maneiras diversas para completar suas tarefas e realizar seu potencial para ação. Entre acadêmicos, um filósofo está em uma relação diferente com enunciados anteriores de seu campo e será reconhecido por produzir diferentes tipos de documentos em comparação com um químico ou um antropólogo. Apenas considere o tipo de leitura que cada um terá que fazer, os tipos de prática de pesquisa e coleta de dados que cada um precisará realizar e os padrões de citação que cada um terá que reunir para criar um artigo original passível de publicação. Aprender como fazer essas coisas é aprender como ser, pensar e agir como um funcionário público, um executivo, um advogado, um filósofo, um químico ou um antropólogo.

Então, há muitos pontos de origem para nossos enunciados, e apenas alguns deles são em qualquer sentido pessoais - muitos dos pontos originais são profundamente comuns. Localizar e agir em fontes originais corretas para qualquer tarefa é importante para conhecermos o que fazemos e para fazê-lo bem, mas apenas em um subconjunto dessas tarefas nós buscamos atribuição de originalidade. E, nesses casos, originalidade tem a ver com tipos específicos de trabalho a ser realizado. Originalidade não é uma característica geral da personalidade, nem uma faculdade geral a ser descoberta dentro dos indivíduos. Ela é, em cada caso, uma conquista específica e sua ausência tem implicações locais específicas.

Eu termino com um paradoxo: quanto mais uma pessoa se afina com a existência comunal e com os recursos desenvolvidos comunalmente, mais foco e recursos essa pessoa consegue trazer para uma tarefa a fim de não a encarar de um modo convencional e não ser limitado às ferramentas mais convencionais. Profundamente imersa na situação e afinada a uma ampla seleção de recursos potenciais desenvolvidos ao longo da história humana, uma pessoa pode executar um trabalho que parece ser mais original em mais situações, encontrando uma maior gama de novas possibilidades dentro das particularidades circunstanciais em comparação com a pessoa que enfatiza a diferença e se coloca à parte. É este paradoxo que faz da paranóia do plágio algo tão prejudicial. A paranóia do plágio coloca barreiras entre nós (professores, escritores, estudantes) e o quanto a experiência e a realização humanas e nosso caminho pela vida permitem. Somente ao nos aproximar profundamente dos recursos coletivos é que poderemos nos somar a eles de modo mais profícuo e pagar nossa parte do aluguel.

Referência Bibliográfica

BAKHTIN, M. M. (1982). *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press.